

# A estrutura argumental preferida em narrativas orais e em narrativas escritas

Juliano Desiderato Antônio \*

## Abstract

---

The goal of this research is to examine the existence of a preferred argument structure (PAS) in oral and written narratives. PAS is a highly preferred pattern of use of the verb core arguments (intransitive subject - **S**, transitive subject - **A** and object - **O**), which is composed by grammatical (**one lexical argument per clause** and **non-lexical A**) and pragmatic (**one new argument per clause** and **non-new A**) constraints. The theoretical support for the research is found in Du Bois's research (1987) about the PAS in Sacapultec, and in Chafe's research (1980, 1985, 1987, 1988, 1992, 1994) about information flow in discourse. After examining, on the corpus, the four constraints that constitute the PAS, one can notice that all of them are confirmed both in oral and written language. However, there are some differences in the distribution of the lexical noun phrases and of the new noun phrases among the oral and written narratives. Written language, which has a slower production process, allows one to process more information at a time. So, in the written narratives, there is a higher frequency of arguments with new information.

---

## Introdução

A estrutura argumental preferida (EAP) é uma configuração dos argumentos mais amplamente utilizada pelos falantes. Segundo Du Bois (1985, p. 349), “não é uma estrutura do discurso, mas uma preferência por uma estrutura sintática”. Várias línguas já foram investigadas e apresentam essa configuração preferida dos argumentos. Podem-se citar como exemplo o sacapulteco, o francês, o espanhol, o inglês, o alemão, o hebraico, o quechua, o rama, o papago e o japonês (Ashby e Bentivoglio, 1993). Isso, para Du Bois (*ibid.*), é uma evidência a favor da universalidade da EAP. No português brasileiro, também já há vários estudos que comprovam a existência de uma EAP: Dutra (1987), Neves (1994), Camacho (1996), Pezzati (1996).

---

\* Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Letras, Av. Colombo, 5790 - Maringá - PR - CEP 87020-900.

A EAP é composta por quatro restrições, duas de ordem gramatical (*evite mais de um argumento lexical por oração* e *A não lexical*) e duas de ordem pragmática (*evite mais de um argumento novo por oração* e *A não-novo*). A configuração dos argumentos do verbo na EAP é a seguinte: o sujeito intransitivo (**S**) e o objeto transitivo (**O**) são tratados de uma mesma maneira, ao passo que o sujeito transitivo (**A**) é tratado de forma diferente (Dixon, 1979).

Neste trabalho, são comparados os resultados obtidos em uma pesquisa com narrativas orais e com narrativas escritas. Os informantes da pesquisa são alunos de primeiro ano do curso de Letras e, para a coleta dos dados, foram adotados alguns critérios.

Optou-se por um material que apresentasse o menor número possível de discrepâncias, para que uma eventual diferença nos resultados da EAP não pudesse ser atribuída à existência de diferentes tipos de textos no *cópus*. Para que os textos de todos os informantes fossem sobre um mesmo assunto e fossem semelhantes em aspectos como extensão, conteúdo, etc., decidiu-se que a coleta dos dados seria feita a partir da exibição de um vídeo com uma história que seria recontada pelos sujeitos da pesquisa. A opção pela narrativa proveio do fato de que, para a produção desse tipo de texto, o filme serviria como um *script* a ser seguido pelos informantes, o que permitiria a obtenção de um *cópus* bastante homogêneo. Para se evitar que houvesse influência das falas do narrador ou de personagens sobre a maneira como os informantes formulariam linguisticamente a história, a solução foi procurar um filme mudo, cuja seqüência de cenas fosse suficiente para a compreensão do seu enredo.

O vídeo escolhido foi “O pavão misterioso”, que se baseia em uma história do folclore nordestino de mesmo nome e que tem como personagens bonecos que representam seres humanos. Com duração de 9 minutos e 20 segundos, o enredo do filme tem como ponto de partida a chegada do protagonista à cidade onde acontecerão os fatos. Após conhecer o local e instalar-se num hotel, o rapaz vai a uma festa popular e conhece uma moça por quem se apaixona. Entretanto, o pai da moça proíbe o amor dos dois. O rapaz vai, então, a uma oficina e constrói uma aeronave em forma de pavão que utiliza para fugir da cidade com sua amada.

Logo após assistirem ao filme, os informantes contaram a história oralmente, gravando-a em fitas K-7. Em seguida, solicitou-se que a história fosse contada por escrito. Durante a redação, não foi permitido aos informantes ouvir a fita que haviam gravado, para que não houvesse influência do oral sobre o escrito.

## Análise dos Resultados

	0	1	2
oral	49%	48%	3%
escrita	37%	59%	4%

Tabela 1 - Argumentos lexicais por oração

Tanto nas narrativas orais quanto nas escritas, confirma-se a restrição de no máximo um argumento lexical por oração, já que a frequência de orações com mais de um argumento lexical é baixa.

Pode-se observar uma diferença de tendência entre as narrativas orais e as narrativas escritas. Nas primeiras, a frequência mais alta é a de orações com nenhum argumento lexical. Nas últimas, a frequência mais alta é de orações com um argumento lexical.

	<b>S</b>		<b>A</b>		<b>O</b>	
	oral	escr	oral	escr	oral	escr
lex	45%	68%	15%	17%	58%	59%

Tabela 2 - Ocorrências lexicais dos argumentos S, A e O

A restrição do **A** não-lexical também se confirma no cópuz da pesquisa, já que o argumento **A** apresenta frequências bem mais baixas de ocorrências lexicais do que os argumentos **S** e **O**.

Assim como acontece na restrição de um argumento lexical por oração, a frequência de ocorrências lexicais dos argumentos é maior nas narrativas orais do que nas escritas.

	0	1	2
oral	82%	17,8%	0,2%
escrita	77,5%	22%	0,5%

Tabela 3 - Argumentos novos por oração

A restrição de no máximo um argumento novo por oração também se confirma nesta pesquisa pois, como pode ser observado, a frequência de orações com mais de um argumento novo é ínfima. A maioria das orações não apresenta nenhum argumento novo, e uma proporção um pouco menor de orações apresenta um argumento novo.

Comparando-se os resultados das narrativas orais e das narrativas escritas, nota-se que a frequência de orações com um ou dois argumentos novos é mais alta nas narrativas escritas do que nas orais.

	S		A		O	
	oral	escr	oral	escr	oral	escr
nova	14%	24%	2,5%	3%	25,5%	29%

Tabela 4 - Ocorrências novas dos argumentos S, A e O

Nota-se, pelos dados da tabela 4, que a restrição do A não-novo também se confirma no corpúsculo desta pesquisa, já que o argumento A apresenta frequências muito baixas de ocorrências novas. Por outro lado, o argumento O é o que apresenta frequências mais altas de ocorrências novas.

No que diz respeito às modalidades de língua, as narrativas escritas apresentam uma frequência mais alta de ocorrências novas do que as orais.

## O fluxo de informação e a estrutura argumental preferida

A explicação para a configuração dos argumentos do verbo que caracteriza a EAP está relacionada à continuidade tópica e à classe semântica dos referentes. Segundo Du Bois (1987), referentes humanos tendem a ocupar papel central nas narrativas, aparecendo, portanto, como S ou A, ao passo que referentes inanimados, que têm passagem efêmera pela narrativa, são introduzidos pelo argumento O. Para que se evite que haja mais de um argumento novo em uma oração, o argumento A é responsável pela retomada dos referentes humanos, que são introduzidos na narrativa pelo argumento S. Na tabela 5, é apresentada a frequência de referentes humanos e de referentes inanimados encontrados em cada argumento.

		oral	escrita
S	[+hum]	89%	88%
	[+inan]	11%	12%
A	[+hum]	98,5%	96,5%
	[+inan]	1,5%	3,5%
O	[+hum]	55%	53,5%
	[+inan]	45%	46,5%

Tabela 5 - Frequência de referentes humanos e de referentes inanimados em cada argumento

De fato, os referentes humanos representam quase a totalidade das ocorrências do argumento **A**, com freqüências que variam entre 96,5% e 98,5%. Os referentes humanos também são responsáveis pela maioria das ocorrências do argumento **S**, com freqüências entre 88% e 89%. Por último, o argumento **O** tem aproximadamente a mesma freqüência de referentes humanos e inanimados. As freqüências dos primeiros variam entre 53,5% e 55%, ao passo que as dos outros vão de 45% a 46,5%.

### Diferenças entre as narrativas orais e as narrativas escritas

As narrativas escritas apresentam, em geral, uma maior freqüência de argumentos lexicais e de argumentos novos do que as narrativas orais. Nas tabelas 1 e 2, observa-se que nas narrativas escritas, a freqüência de argumentos lexicais é sempre maior do que nas narrativas orais. Observando-se as tabelas 3 e 4, nota-se que nas narrativas escritas, há sempre uma maior freqüência de argumentos novos do que nas narrativas orais.

Segundo Du Bois (1987), no discurso oral não planejado, introduzir um argumento com um referente novo é uma atividade que exige do falante uma quantidade excessiva de atenção. No discurso escrito planejado, que não foi pesquisado por Du Bois (1987), introduzir um argumento com um referente novo parece não exigir tanto esforço cognitivo. As narrativas escritas do *cópus* desta pesquisa, produzidas com planejamento prévio, apresentam uma maior freqüência de orações com argumentos novos do que as narrativas orais, produzidas sem planejamento prévio. A explicação para isso está ligada ao processo de produção da escrita, que, segundo Chafe (1985), é mais lento que o da fala, permitindo que se processe uma maior quantidade de informação ao mesmo tempo.

O conceito de *pressão informativa* ajuda a explicar a maior freqüência de argumentos novos nas narrativas escritas do que nas narrativas orais. Segundo Du Bois (1987), a pressão informativa é a proporção de referentes novos introduzidos por oração. Para se obter o quociente da pressão informativa (QPI), divide-se o número de referentes novos pelo número de orações. Na tabela 6, são apresentados o número total de orações, o número de referentes novos e o QPI das narrativas do *cópus* desta pesquisa.

	oral	escrita
Total de orações	828	606
Referentes novos	110	105
QPI	0,132	0,173

Tabela 6 - Pressão informativa

O QPI de 0,132 das narrativas orais representa a introdução de um referente novo a cada sete orações e meia, ao passo que o QPI de 0,173 das narrativas escritas representa a introdução de um referente novo a cada seis orações. Como pode-se observar, realmente introduz-se mais informação nova por oração nas narrativas escritas do que nas narrativas orais.

A maior frequência de argumentos lexicais nas narrativas escritas do que nas orais está ligada à introdução de argumentos novos. Segundo Du Bois (1987), a informação nova é introduzida lexicalmente. Sendo assim, se na escrita há uma maior proporção de informação nova, também deve haver uma maior proporção de argumentos lexicais para que essa quantidade de informação possa ser introduzida.

## Conclusão

Todas as restrições que compõem a EAP puderam ser confirmadas no *cópus* da pesquisa, devendo ser feitas as seguintes observações:

- Restrição de um argumento lexical por oração: as orações com mais de um argumento lexical apresentam uma frequência bem mais baixa do que as orações com nenhum e as orações com um argumento lexical.
- Restrição do **A** não-lexical: o argumento **A** apresenta menor frequência de ocorrências lexicais do que os outros argumentos. O argumento **O** é o que tem maior frequência de ocorrências lexicais.
- Restrição de um argumento novo por oração: as orações com nenhum argumento novo predominam no *cópus*, seguidas das orações com um argumento novo. As orações com mais de um argumento novo, por sua vez, têm um percentual muito baixo de ocorrências (abaixo de 1%).
- Restrição do **A** não-novo: na introdução de informação nova, o argumento **A** apresenta um percentual mais baixo de ocorrências do que os outros argumentos. O argumento **O** é o que tem percentual mais alto de ocorrências novas.

O estudo da EAP também demonstrou que há algumas diferenças entre a EAP das narrativas orais e a EAP das narrativas escritas. A escrita, por ser produzida mais lentamente, permite que se processe uma maior quantidade de informação de cada vez (Chafe, 1985). Assim, nas narrativas escritas, há uma maior frequência de orações com argumentos novos do que nas narrativas orais.

Assim, pode-se dizer que essas diferenças no funcionamento da EAP estão relacionadas a fatores externos ao sistema linguístico, como a maior capacidade de processamento de informação da escrita.

Para Du Bois (1985, p. 360), “é em grande parte a necessidade de resolver consistentemente a competição entre as diversas motivações externas que leva, em primeiro lugar, à existência - como uma estrutura fixa - da própria gramática”. Se é a competição entre as motivações externas que leva à existência de uma gramática, não se pode adotar a posição dos estruturalistas de que a língua é um sistema autônomo, que não cede às pressões externas (*ibid.*). Nem tampouco pode-se assumir o princípio do funcionalismo transparente de que todos os fatos sintáticos que parecem ser autônomos são os resultados transparentes das intenções comunicativas dos falantes, pois esse princípio nega a existência de uma gramática (*ibid.*).

A posição mais correta parece ser a de Du Bois (1985), que rejeita uma radicalização e conceitua a língua como um sistema adaptável. É um sistema porque tem continuidade de existência e, para isso, categorias gramaticalizadas são retidas para uso, e é adaptável porque é sensível a pressões externas (Du Bois, 1985).

Conclui-se este trabalho com uma afirmação de Du Bois que sintetiza essas duas características da língua: a suscetibilidade a pressões externas e a capacidade de gramaticalizar as categorias que sofrem essas pressões: “as gramáticas codificam melhor o que os falantes fazem mais” (1985, p. 363).

## Referências Bibliográficas

- ASHBY, W. J. & BENTIVOGLIO, P. Preferred argument structure in spoken French and Spanish. *Language Variation and Change*, v. 5, p. 77-90, 1993.
- CAMACHO, R. G. O papel da estrutura argumental na variação de perspectiva. In: KOCH, I. V. (org.) *Gramática do Português Falado: Desenvolvimentos*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996. v. 6, p. 253-274.
- CHAFE, W. *The Pear Stories*. Norwood: Ablex, 1980.
- \_\_\_\_\_. How people use adverbial clauses. *Annual Meeting of the Berkeley Linguistic Society*, v. 10, p. 437-449, 1984.
- \_\_\_\_\_. Linguistic differences produced by differences between speaking and writing. In: OLSON, D. R. et al. (eds). *Literacy, Language and Learning: the nature and consequences of reading and writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- \_\_\_\_\_. Cognitive Constraints on Information Flow. In: TOMLIN, R. *Coherence and Grounding in Discourse*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1987.
- \_\_\_\_\_. Linking Intonation Units in Spoken English. In: HAIMAN, J., THOMPSON, S. *Clause Combining in Grammar and Discourse*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1988.

- \_\_\_\_\_. The flow of ideas in a sample of written language. In: MANN, W. C. & THOMPSON, S. A. (eds.) *Discourse Description: diverse linguistic analyses of a fund-raising text*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Discourse, Consciousness and Time*. The flow and displacement of conscious experience in speaking and writing. Chicago: University of Chicago Press, 1994.
- DIK, C. S. *Functional Grammar*. Dordrecht: Foris, 1978.
- \_\_\_\_\_. Some Principles of Functional Grammar. In: DIRVEN, R. & FRIED, V. (eds.) *Functionalism in Linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1987. p. 81-100.
- \_\_\_\_\_. *The Theory of Functional Grammar*. Dordrecht: Foris, 1989.
- DIXON, R. M. W. Ergativity. *Language*, v. 55, p. 59-138, 1979.
- DU BOIS, J. W. Beyond Definiteness: The Trace of Identity in Discourse. In: CHAFE, W. (ed.). *The Pear Stories*. Norwood: Ablex, 1980, p. 203-274.
- \_\_\_\_\_. Competing Motivations. In: HAIMAN, J. (ed.) *Iconicity in Syntax*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1985.
- \_\_\_\_\_. The Discourse Basis of Ergativity. *Language*, v. 63, p. 805-855, 1987.
- \_\_\_\_\_. Discourse and The Ecology of Grammar: Strategy, Grammaticization, and The Locus. Rice Symposium, MS, University of California: Santa Barbara, 1993a.
- \_\_\_\_\_. La estructura argumental preferida y el cero absoluto. ALFAL, MS: Veracruz, 1993b.
- DU BOIS, J. W. & THOMPSON, S. *Dimensions of a Theory of Information Flow*. MS, University of California: Santa Barbara, 1991.
- DUTRA, R. The hybrid S-category in Brazilian Portuguese: some implications for word order. *Studies in Language*, v. 11, p. 163-180, 1987.
- NEVES, M. H. M. *A estrutura argumental preferida em inquéritos do NURC*. Mimeo. 1994.
- PEZATTI, E. G. Estrutura argumental e fluxo de informação. In: KOCH, I. V. (org.) *Gramática do Português Falado: Desenvolvimentos*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996, v. VI, p. 275-299.



